



A caixa

Lúcia Barnea*

Raanana, Israel

luciabarnea@hotmail.com

O corpo parou. Cobravam-lhe de dentro da terra. Desde sempre soube que passaria assim.

Havia concluído os anos de peregrinação, acompanhado pelo mesmo livro, pela mesma pedra. O que restou, depois que se despediu da família.

Seus pés garantiam, esse era o lugar. Experimentavam uma excitação inexplicável. Aqui fincariam raízes.

Havia naquela terra presença de histórias ocultas, de quem não estava mais. Seus ouvidos descobririam quantas cidades ausentes se escondiam sob aquele solo poroso – olvidadas, uma por sobre a outra. Isto faria após o descanso, caprichoso em sua demanda.

Sacou o livro de dentro do braço, se enfiou na primeira página que se lhe ofereceu. Não compreendia o significado dos hiatos, nem dos espaços que separavam cada linha; apenas o desgaste da folha denunciava importância – intuía sua pele.

Jamais pretendeu ler aquelas letras. Por mais que as respirasse, que as escutasse, nem sempre o conjunto – o que havia sobrado - fazia sentido. Bastava que o acompanhassem, em silêncio, que o alimentassem e lhe oferecessem morada para descansar o corpo. Às vezes por frio, fome, ou por ócio, as mascava.

Da perna retirou a pedra. Necessitava relaxar. Esfregou a cabeça, os pulmões, os olhos, os intestinos; com cuidado, as plantas dos pés. Beijou a ponta de cada dedo, como faz um amante.

A quentura do dia contrastava com o sereno do céu enluzado. Puxou para si algumas letras, para não se queimar com o brilho das estrelas. Urinou aliviado e se aqueceu por sobre o jorro morno de aroma familiar. Pela primeira vez em muito tempo não fechou o livro, acomodou-se no intervalo de dois blocos de garranchos para melhor se estirar. Adormeceu, sabe-se lá quantos sóis.

Desde quando se despediu da infância não desfrutava de um sono assim tranquilo. Flanou por constelações antes de se espreguiçar. Reconheceu prazer no líquido viscoso que se apossava vagarosamente da pele fecundada.

Ao saltar do livro, compreendeu. Nunca estive o livro cômodo, tão cômodo, como sobre aquela terra – igual que seus pés. Veio a fome, fartou-se com a mão gorda de

* Antropóloga social e escritora.



terra. Mergulhou na mesma terra e se lambuzou da frescura. Uniu-se a seus pés para escutar o que contavam.

Dois sopros ligeiros, trouxe à superfície uma caixa. Era simples, de pedra. Continha valor. Sua carne conhecia aquele peso – era conhecimento, saber, era poder. Com a cabeça apoiada por sobre o livro, as pernas voltadas pro céu, esperou sua sombra se perder.

À noite, a caixa de pedra abriu o ventre e o convidou a entrar. Sentiu funcho, macela, ilang-ilang, pinho, cravo-da-índia, cardamomo, passiflora, cominho, baunilha, lavanda, canela, tomilho, jasmim, capim-limão, sálvia, endro, arruda; havia os mares, os continentes, o ar; a caça que antecipa o destino; o cangote excitado; a relva úmida, o solo adubado por seus romeiros, o enxofre, o vento ensolarado sobre a pele, também a maresia, a terra seca, o pó.

A caixa transpirava sensualidade, calor, recato, também certa umidade. Antes de aceder ao convite, a acariciou, depois a beijou. Acenou como quem tira o chapéu e, com um sorriso, a penetrou. Respirou sua dor delicada, o abandono, o amor, a humildade e o prazer.

A lua abençoou o encontro.

Era dia fora da caixa, retirou-se por onde entrou. Havia passado noite intensa, em que percorreu diligente quase todo seu interior. Saciado se despediu, com a promessa de voltar. Desvendou mistérios que provavelmente esqueceria ao deixar o corpo inerte e caloroso, mas que marcariam sua pele até uma derivação futura. Entre as pernas trazia novo livro, emprestado da caixa.

Do braço arrancou o livro seu companheiro de peregrinação, se aconchegou na lombada para melhor cochilar. Aí ficou uma eternidade.

Despertou angustiado. Comeu tudo, com todos os poros. Essa vez foi diferente. Devorava com ansiedade páginas e páginas de símbolos, que retumbavam em seu estômago novos significados, sons desconhecidos desciam por seu intestino, a derme suave lembranças, os pés se libertavam da carne, em busca de raízes.

Assim passou noite trás noite, dia trás dia. De cada encontro voltava um livro diferente, que seus ouvidos digeriam. Cada novo exemplar trazia embebido o universo. A digestão se fazia longa, mais difícil, abrangente. Reconheceu todas as cidades, todas as árvores, todas as espécies, nos livros daquela caixa. Havia os que nasceram naquelas terras, havia os chegados de alhures; pertenciam a gerações distintas, mas eram todos irmãos – na força da fé, não no teor de sua crença; em seus princípios, não no conteúdo; em seus genes.

Os livros tomados por empréstimo não retornaram. Se uniam com a terra, desapareciam da vista, quando não digeridos. Com o tempo, poucas letras resistiram



ao assédio. Tornavam-se amantes exigentes, zelosas, até perderem o juízo. Então seguiam como almas penadas.

A cada nova penetração, cada entrega, a caixa ficava mais leve. Verteu um suspiro vazio e deixar de ser. Perdeu a razão, o orgulho, também a memória de seus dissabores.

Do primeiro livro sobraram poucas palavras: “tu és pó e ao pó tornarás” ...

Os pés criaram raízes profundas; a espalda tornou-se tronco, de onde nasceram ramificações. Do galho que havia rasgado o couro cabeludo no alto da cabeça caiu um pequeno fruto, em forma de letra, sobre uma lápide, cujos dizeres o tempo apagará: “porque o homem é árvore do campo”.

Aqui jaz o fruto do Conhecimento. Dele não se deve comer. A séculos de profundidade está o Templo; há milênios, o Jardim.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.